

VIVENDO NA NEBLINA: A REPRESENTATIVIDADE DE HOMENS TRANS NO MOVIMENTO LGBT+

RENATA DUARTE¹;
LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas – renatinhaduarte22@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O Encontro Regional Sul de Pessoas Trans de 2018 ocorreu entre os dias 24 e 27 de maio, na cidade de Pelotas, com o apoio da Prefeitura Municipal. O evento foi organizado pela Rede Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), uma das mais importantes associações de pessoas Trans do país, contando com a presença de representantes da Rede de Travestis e Transexuais, Homens-trans vivendo e convivendo com HIV/AIDS (RNTTHP) e da organização sem fins lucrativos, Homens Trans Em Ação (HTA) do Rio Grande do Sul.

Durante os dias do encontro estivemos presentes representando o projeto de extensão “Mapeando a Noite: O Universo Travesti”, desenvolvido pelo Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas. Nossa participação no evento gerou um trabalho etnográfico para a disciplina de Antropologia no curso de Turismo, e motivou a realização desta pesquisa.

A observação participante realizada no evento nos possibilitou evidenciar a pouca representatividade de homens trans, tanto em número de participantes, como nos espaços abertos para fala. Entendemos como Homens Trans pessoas que foram designadas mulheres ao nascerem, mas que se identificam como homens. A representação ficou reservada ao único membro do HTA do Rio Grande do Sul presente, originário de Porto Alegre. Realizando comparativos com a cidade de São Paulo e a região sudeste do país, percebemos que os processos de liderança do movimento relacionado ao “T” na sigla LGBT+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e demais inclusões) são mais plurais, com o fortalecimento da representatividade dos Homens Trans.

O movimento “T”, como qualquer outro dentro do LGBT+, tem suas lutas e exigências pautadas em causas específicas. No entanto, é recorrente a acusação, principalmente contra lideranças gays, de exclusão das travestis e transexuais de importantes espaços de decisão política (CARRARA; CARVALHO 2013). Assim, é por meio da militância e do ativismo que ocorrem as ações contra o preconceito existente, que mesmo tendo sido debatido e discutido ao longo dos anos, continua se mantendo embasado em um sistema patriarcal tradicionalista.

Uma vez que o projeto “Mapeando a Noite: O Universo Travesti” vem a se ampliar para outras segmentações, envolvendo a orientação sexual e identidade de gênero, a representatividade, principalmente de Homens Trans, possui papel fundamental no processo de planejamento e realização de ações futuras com a comunidade LGBT+.

2. METODOLOGIA

Selecionamos a etnografia como método que é, em definição, um estudo descritivo de grande aprofundamento, e que se dá também da necessidade de examinar por que alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem

(PEIRANO, 2014), servindo de contribuição para enriquecimento na área da pesquisa. Tratando-se de um método utilizado há muito por antropólogos. Um elemento caro à antropologia, a partir da compreensão de que a ciência em si não é neutra, trata-se da necessidade de certo afastamento durante o estudo para que se possa, de fato, estranhar o familiar em meio ao cotidiano, em que possibilita uma dimensão nova da investigação científica, de consequências radicais – o questionamento e exame sistemático do seu próprio ambiente (VELHO, 1981).

Além da observação, também utilizamos a análise de curtas que relatam parte da experiência de homens trans, abordando de maneira mais literária e poética vivências e questões muito pautadas dentro da comunidade ‘T’, como o processo de aceitação, reconhecimento e suas relações na sociedade e em meios acadêmicos.

A participação em eventos envolvendo a comunidade está dentre a metodologia utilizada no projeto “Mapeando a Noite: O Universo Travesti”, de forma a criar uma relação de maior aproximação da equipe de pesquisa com o movimento e a população LGBTQ+. A elaboração de etnografias nos permite compreender melhor as diferenciações e especificidades de cada um dos grupos que compõem a sigla em si, suas relações em âmbito social e os direitos que exigem perante a lei.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A abertura do evento aconteceu no Salão Nobre da Prefeitura Municipal de Pelotas. Durante as apresentações dos (as) convidados (as) no primeiro dia tornou-se evidente a presença de um único homem transexual dentre as lideranças. Tal fato não pareceu causar quaisquer questionamentos nos (as) outros (as) presentes, já acostumados (as) com a evidência das mulheres transexuais e travestis como símbolos do movimento, fato que em cidades maiores, como a capital do estado de São Paulo, já vem sofrendo transformações, com outras partes atuando na militância e, também, na representatividade, tanto em mídias sociais como em outros aspectos. Isso se tornou evidente durante a 1ª Marcha do Orgulho Trans de São Paulo, ocorrida neste ano.

Em um diálogo com o representante do HTA foi possível entender que a participação dos homens transexuais em eventos como aquele, muitas vezes, não ocorria por falta de interesse dos próprios. E por ainda se tratar de um movimento um tanto quanto invisibilizado e estigmatizado na sociedade, bem como dentro da própria comunidade LGBTQ+, que carrega consigo muitas vezes o desconforto para aqueles que, em grande parte das situações, têm sua existência negada. Isso ocorre em grande medida pelo olhar falocêntrico que impregna as representações sobre a experiência masculina (ALMEIDA, 2012), gerado por uma quase necessidade da presença do órgão sexual pênis para que suas identidades sejam reafirmadas e legitimadas.

No decorrer dos dias tornou-se perceptível que o evento em si se voltava para as próprias lideranças, tendo público muito reduzido em alguns casos e, também, sendo pouquíssimo, ou quase nulo, o comparecimento de homens trans na plateia, mesmo com algumas das mesas redondas ocorrendo dentro de prédios da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), onde há a presença de homens trans no meio acadêmico.

Dentre os temas abordados, muito foi dito sobre a relação as experiências escolares dos (as) presentes e a alta taxa de evasão escolar da população travesti e transexual, motivada desde muito cedo pelo preconceito existente

dentro das escolas. Como é dito no curta Trans(verso), de 2016, que aborda as vivências de alguns homens trans do estado do Espírito Santo, “escola não era um lugar diferente, é para te fazer normativo, é pra te enquadrar, te moldar ao sistema”, a escola ainda se mostra, muitas vezes, como um universo excludente para quem não se enquadra no padrão estabelecido socialmente: heterossexual e cisgênero (pessoa que se identifica com o gênero ao qual foi designado ao nascer).

Embora o movimento “T” aparente englobar uma gama de diferentes pessoas, é preciso lembrar que dentro deste ainda há as particularidades de cada segmento, mesmo que muitas das lutas sejam por causas similares.

O fato de um evento como esse ocorrer pacificamente no país que mais mata travestis e transexuais no mundo é a prova de que a cultura e a sociedade em si passam por transformações, uma vez que ao longo do tempo as novas gerações se tornam mais abertas e questionadoras com relação àquilo que não se enquadra nos moldes pré-estabelecidos socialmente, e ao que de fato é o padrão. Entretanto, ainda nos encontramos no processo de quebra de paradigmas e pré-conceitos a muito existentes, o que resulta em um momento de atuação política e de luta por direitos por parte da comunidade LGBTQ+ em diversos âmbitos.

A invisibilidade trans-masculina na sociedade e a baixa representatividade dentro das mídias continua a perpetuar a ideia de não-encontro do “eu” no meio, pois mesmo que o Ser Humano seja diferente entre si, e que cada um possua suas próprias vivências, há a necessidade de inspiração no outro, principalmente por parte dos (as) jovens para entender como lidar com a fase do descobrimento, autoaceitação e, assim, compreensão de si mesmo. Pensar e debater sobre a existência de homens trans, segundo Almeida (2012) é auxiliar na reafirmação da existência de diferentes identidades, num espectro onde o Ser Humano não se mantém mais preso em dicotomias, em polos extremos. E quanto mais cedo abordado, adquire um papel importante na vida de outras pessoas, por isso se torna fundamental levar discussões referentes às diferentes masculinidades e maneiras de “ser homem” a ambientes escolares, em ações comunicativas e participativas, onde se possa fazer entender o grande leque existente em meio a isso.

Compreender que os corpos viventes são diversos e que suas relações entre si se fazem também distintamente é dialogar sobre como as questões de identidade de gênero não se limitam às genitálias, se ampliam para a expressão do indivíduo e sua própria identificação na sociedade. Sendo assim, entendemos que ser homem não consiste unicamente em possuir o órgão sexual pênis.

4. CONCLUSÕES

A constatação da necessidade de diálogo e visibilização de homens trans não apenas em âmbito social como dentro da própria comunidade LGBTQ+ trouxe ao projeto de extensão “Mapeando a Noite: O Universo Travesti” uma ampliação no campo de pesquisa e, também, nas questões a serem tratadas para além do ambiente acadêmico em si, em práticas que atingem diretamente os mais jovens.

Posto que o projeto de extensão tem por intuito não apenas entender essas demandas, mas sim dialogar com a comunidade, refletir a respeito de um movimento existente e inferiorizado tem se tornado uma das questões fundamentais a serem pautadas nas ações futuras do projeto junto às escolas na cidade de Pelotas, por ser local privilegiado para a libertação, uma vez que é por meio do debate, discussão e diálogo que é dada a possibilidade de compreensão

da realidade que está a nossa volta (FREIRE, 1991,1994, 1996a, 1996b apud BONA; VAZ 2016, p.2). Estas reflexões, feitas a partir da relação universidade e comunidade LGBTQ+ farão parte das oficinas que serão realizadas nos próximos meses com alunas (os) do ensino fundamental da cidade de Pelotas, fortalecendo a tríade ensino, pesquisa e extensão universitária.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Guilherme. **‘HOMENS TRANS’: NOVOS MATIZES NA AQUARELA DAS MASCULINIDADES?**. Estudos Feministas, Florianópolis, 20(2): 256, maio-agosto/2012.

BONA, de Viviane; VAZ, Pollyanna G. A. B. PAULO FREIRE E A ESCOLA COMO ESPAÇO DE RELAÇÕES E DIÁLOGO NA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS. In: **IX COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE. RECIFE**, 2016. Anais do IX Colóquio Internacional Paulo Freire da UFPE. Recife: Editora UFPE, 2016.

CARRARA, Sérgio., CARVALHO, Mario. **Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil**. Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana [en linea] 2013, (Agosto-).

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Universidade de Brasília. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

TRANS(VERSO). Direção e produção de Danyllo Rocha e Nina Rocha. Espírito Santo: Danyllo Rocha, 2016. Acessado em 13 ago. 2018. Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NabOXgLnlw>.

VELHO, Gilberto C., A. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.